



VIRTUDES, PAIXÕES E VÍCIOS NO SEGREDO DOS SEGREDOS DO PSEUDO-ARISTÓTELES¹

Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*

Resumo: O *Segredo dos Segredos* (Secretum Secretorum) é uma das obras mais lidas desde o seu aparecimento no Ocidente ao redor dos anos 1150 até o século XVII. Sem dúvida as suas partes mais importantes são o *Regime da Saúde*, a *Carta de Alexandre a Aristóteles* e a resposta deste. Apresentam uma verdadeira regra de comportamento para os reis. Neste estudo serão focalizadas as virtudes e paixões que devem animar o verdadeiro governante, e os vícios que devem ser evitados, para que o seu governo não se torne um desastre para ele próprio e seus súditos.

Palavras-chave: Aristóteles, rei, virtude, sabedoria, justiça, prudência, generosidade, mentira.

Abstract: The *Secret of Secrets* (Secretum Secretorum) is one of the most readen books of the Occident, since the beginning of its circulation, around 1150, till the XVIIth century. The most important parts are the famous *De Regimine Sanitatis* (Rules for Health), the letter of Alexander to Aristotle and the answer of the Stagiritia. They represent a rule of behavior for the kings. In this paper are focused the virtues and passions which ought to animate the true governors, and the vices to be avoid, in order to save his realm of disasters which could castigate the king and his people.

Keywords: Aristotle, king, virtue, justice, wisdom, care, generosity, lying.

Introdução

Um primeiro contato com a obra pseudo-aristotélica *Segredo dos Segredos*² deixa o estudioso perplexo: nela se encontra uma grande variedade de assuntos, abordando questões entre si sem muito nexo, ratificando a caracterização que se encontra no prefácio da edição alemã da Hiltgart von Hürnheim³ – elaborada no século xiii a partir da edição

¹ A origem deste estudo é uma comunicação apresentada no X Congresso Latino-Americano de Filosofia Medieval, realizado em março de 2005 em Santiago do Chile.

² Daqui adiante usaremos a abreviação: SS.

³ HILTGART VON HÜRNHEIM, *Mittelhochdeutscher Prosaübersetzung des "Secretum Secretorum"*. Herausgegeben von REINHOLD MÖLLER. Akademie-Verlag, Berlin, 1963. p. VII.

latina -: “uma enciclopédia árabe, traduzida em latim”.⁴ O segundo prólogo da obra diz que nela “de quase todas as ciências encontra-se algo útil”.⁵

Esta grande variedade de assuntos, apresentados e explicados, mostra tanto a complexidade de sua formação histórica, que atesta a existência de documentos, oriundos de fontes bem diversas e reunidos numa única obra, não obstante seu caráter bem diferente, mas também a dificuldade de encontrar um fio condutor ou uma filosofia básica que possa unir os vários assuntos estudados. De fato, no SS encontram-se, entre outros, Espelhos de Reis, Regimes de Saúde, Lapidários, Herbários e até partes de clara inspiração mágica⁶. Um fio condutor, ou uma idéia central unificadora, pode ser reconhecido no espírito hermético⁷ invocado logo no início, a saber, na história que conta o (suposto) descobrimento da obra, e que é reencontrado em vários *loci* da obra⁸. A mesma afirmação poderia ser feita acerca de uma filosofia de caráter neoplatônico que, no mínimo, oferece uma visão do homem e que serve como *bas-fond* das várias considerações desenvolvidas tanto a respeito da saúde como das atitudes e posturas dos reis no trato de seu reino. Isto, sem dúvida, se evidencia, por exemplo, na belíssima página sobre o tema: o homem é um microcosmo, e em que se faz uma comparação do homem com todos os animais possíveis⁹.

Estudar nesse complexo universo a questão das paixões, virtudes e vícios não é uma tarefa fácil. Dois grandes problemas colocam-se logo de saída: limitar-se a uma exposição exclusivamente prática, expondo a variedade das virtudes e paixões tratada nas várias partes do SS. Isto, porém, significaria não sair de uma concepção que restringe o *Segredo* exclusivamente ao contexto de um manual prático, caso quo, a um simples Espelho de Reis – entre tantos outros – ou a um prosaico Manual

⁴ HILTGART, op. cit. p. 2.

⁵ Prólogo, p. 2.: *de omnibus fere scientiis aliquid utile continetur.*

Para as citações utilizamos a edição de ROGER BACON: Opera hactenus inédita Rogeri Baconi, Facs.V. SECRETUM SECRETORUM, CUM GLOSSIS ET NOTULIS. Nunc primum edidit Robert Steele, Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, MCMXX. (Todas as traduções do SS neste artigo são da responsabilidade do autor).

⁶ Uma das partes mais famosas é, sem dúvida, o *Regimen Sanitatis* – o *Regime da saúde*, que ocupa grande parte do 2º livro do SS, na elaboração de Bacon.

⁷ Cf., TER REEGEN, Jan G.J., O Hermetismo no *Segredo dos Segredos* do Pseudo-Aristóteles. Em: COSTA, Marcos Roberto Nunes (organizador) *A Filosofia Medieval no Brasil: Persistência e Resistência*. RECIFE:Printer Gráfica e Editora, 2006.

⁸ Cf., entre outros, o trecho misterioso da *Tábula da Esmeralda*, L. III, c. 1º, p. 112.

⁹ Na segunda parte deste estudo este assunto será abordado em profundidade.

de Conservar a Saúde. Ou deve-se procurar certo aprofundamento filosófico, na forma de uma visão antropológica e/ou ética, que sustente a necessidade de praticar e evitar certos atos e hábitos e em cuja luz devem e podem ser consideradas as paixões.

Fundamentada nessas considerações surgiu, então, a base deste estudo, que tem como pretensão abrir as portas do *Segredo dos Segredos* – e a literatura a ele ligada – para estudos mais aprofundados no que tange o agir humano nas várias formas de sua expressão e ligados a determinados grupos da sociedade.

Assim será desenvolvido, em primeira instância, o assunto das virtudes, vícios e paixões, fazendo uma apresentação e descrição daquilo sobre o qual o SS nos tem a dizer, e qual o seu contexto. Em seguida, apresenta-se uma tentativa de encontrar uma imagem do homem para que se possa obter uma melhor noção não somente a respeito do sujeito das virtudes, dos vícios e das paixões, como também da direção e ordenação do agir humano. Em outras palavras, o objetivo será descobrir uma resposta à questão: para que servem as virtudes, qual a influência, importância, e função das paixões.

I. O rei e suas virtudes, a obrigação de evitar os vícios e de dominar as suas paixões.

O *locus* principal para o estudo deste assunto é sem dúvida a *Carta de Aristóteles sobre como o rei deve se comportar*¹⁰, que está no início logo depois do *Prólogo* que conta a história, certamente inspirada pelo espírito hermético, da descoberta do *Segredo*.¹¹

A segunda fonte, e ao que parece pertencente ou expressão de uma tradição mais antiga, é o bem conhecido, para não dizer famoso *Sobre o Regime de Saúde*, que conheceu, como texto independente sem inserção em outra obra maior, uma divulgação muito grande.¹² Ela começa da seguinte forma:

¹⁰ Excede o espírito deste estudo entrar em pormenores sobre a *origem, composição contexto histórico* desta carta. Para isto, cf. e.o. Williams, Steven J, *The Secret of Secrets. The scholarly career of a Pseudo-Aristotelian Text in the Latin Middle Ages*, s/l.: The University of Michigan Press, 2003.

¹¹ Na edição de Bacon, Livro I, capítulo 3-21, p. 40. (daqui adiante: L..., c., p....).

¹² L. II, c. 1-27, p. 64. Este documento, independente do SS, circula no Ocidente a partir dos anos 1150, na versão de João Hispalense. Existem várias versões populares deste texto, entre outros uma versão latina *Pseudo-Aristotelis Epistola ad Alexandrum de Regimine Salutis a quodam Nicolao Versificata*, publicada por PACK, R. em *Archives d'Histoire Doctrinale et*

Agora quero te passar, em primeiro lugar, a doutrina medicinal e alguns segredos que te serão suficientes na conservação de tua saúde, para que não precisas de médico nenhum, porque a conservação da saúde é melhor e mais preciosa do que qualquer remédio, e te é necessária para o governo deste mundo.¹³

Referências mais esporádicas e menos “sistemáticas” encontram-se na Terceira Parte do SS que Bacon inicia com o título *Sobre as considerações e coisas úteis do estado e dos reinos, seja de caráter natural, seja de caráter moral, cujo primeiro capítulo trata de alquimia*.¹⁴

Logo no início da *Carta de Aristóteles a Alexandre*, depois dos dois Prólogos¹⁵, é apresentada como uma espécie de introdução uma admoestação aos reis sobre quais são os verdadeiros sustentáculos, as bases do seu reino:

Por isso, cada rei deve necessariamente ter dois auxílios para sustentar o seu reino. Um deles é a força dos homens com que protege e reforça o seu reino, e este auxílio só existirá se for um dirigente para os dirigidos e reinará como um soberano, e se os próprios súditos, de forma unânime, obedecerem ao soberano [...] O segundo auxílio é induzir os ânimos para obras lícitas, e isto deve proceder e ocupa o primeiro plano.¹⁶

Para cada sustentáculo são indicadas duas razões que justificam a sua importância e escolha, uma de caráter intrínseco, outra extrínseco. No primeiro caso, a de caráter intrínseco consiste na distribuição por parte do rei de suas riquezas a seus súditos e na sua atitude generosa para com eles, retribuindo a cada um segundo seus méritos. No segundo caso, a causa extrínseca é que o rei distribui justiça na questão das possessões e das riquezas de seus súditos, tendo paciência e misericórdia. A causa

Litteraire du Moyen Age, Paris: Vrin, 1976, Tome XLV, p. 308-325. Esta versão foi traduzida para o português por TER REEGEN, Jan G.J. na *Agora Filosófica*, ano 5, nº 2, p.207-220.

¹³ L. II, c. 1, p. 64.

¹⁴ L. III, c. 1º, p. 114. (*Incipit pars tertia huius libri de consideracionibus et utilibus reipublice et regnorum sive naturalibus sive moralibus cuius capitulum primum est de alkimisticis.*)

¹⁵ Sobre a questão dos dois Prólogos, cf. WILLIAMS, o.c.7-10. Cf. também a Tese de Doutorado de Jan G. J. TER REEGEN : *O Pseudo-Aristóteles. A origem e o objetivo de algumas obras do Pseudo-Aristóteles* (PUCRS, 2004) que apresenta a tradução destes documentos.

¹⁶ *Oportet itaque quemlibet regem de necessitate habere dua iuvamina sustinencia regnum suum. Unum eorum est fortitudo virorum quibus tuetur et confortabitur regnum suum et non habebit hoc nisi quando rector in rectis et dominator in subditis dominetur, et ipsi subditi uniformiter obediunt dominanti [...] Secundum iuvenem est inducere animos ad operationes licitas, et istud procedat et est in primo gradu* (L. I, c. 4, p. 43).

intrínseca deve ser procurada no “conselho secreto dos antigos filósofos e justos que Deus glorioso escolheu e aos quais entregou a sua ciência”.¹⁷ Este segredo, assim diz o texto, pode ser encontrado em vários lugares desse livro; e com a ajuda da iluminação de Deus é possível decifrar o sentido das palavras e, destarte, chegar a ser um rei rico e generoso.

Na continuação o SS fala dos quatro tipos de reis, cuja caracterização é dominada pelo binômio “largus” – generoso – e “avarus” – avarento. Opõem-se, desta forma, uma virtude e um vício, que têm, ou podem ter, como fundamento uma paixão. A generosidade é apresentada como sendo, em determinadas situações, altamente meritória; isto quer dizer se ela for dirigida ao objetivo certo: àqueles que de fato precisam da ajuda generosa do rei. Dar generosamente àquele que tem, e que conseqüentemente não precisa de nada, não significa nenhuma virtude. Da mesma forma, a avareza é descrita como o contrário da generosidade, como um vício que é uma desonra para os reis e inconveniente à sua majestade. Além disso, fala-se também que um rei sensato evitará despesas grandes demais e supérfluas.¹⁸

Como, porém, distinguir as virtudes do vício, o agir bem do agir mal? Numa resposta que claramente nos remete à *Ética a Nicômaco*¹⁹, o SS apresenta um critério que possibilita reconhecer as qualidades que devem ser reprovadas: “[...] é notório que qualidades, quando discordam da média, devem ser muito reprovadas”²⁰. O louvor, entretanto pela generosidade não se baseia, simplesmente, em distribuir riquezas: não se deve dar àqueles que delas não precisam ou que se mostram indignos dela. Se a generosidade não for exercida com critérios – e no meio deles está aquele que diz que não se deve dar a qualquer um, mas àqueles que precisam – em vez de generoso o rei será chamado de “devastador dos interesses públicos, destruidor do reino, indigno e incompetente”,²¹ porque se gastar muito, de onde tirar as riquezas? Esta imagem é reforçada por uma referência à sabedoria hermética, que acrescenta uma

¹⁷ [...] *secretum antiquorum philosophorum et justorum consilium quos gloriosus Deus preelegit et eis suam scientiam commendavit*. L I, c. 4º, p. 41-42

¹⁸ Esta parte é sem duvida inspirada pelo EN (*Ética ao Nicômaco*) 1120 e 1144, que grata e.o.da Progalidade.

¹⁹ EN, 1104ª. Quanto à ligação do EN com o *Segredo*: cf., entre outros, ter Reegen, Jan G.J., *O Pseudo-Aristóteles. A origem e o objetivo de algumas obras do Pseudo-Aristóteles*. Tese de Doutorado, defendida na PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, julho de 2004.

²⁰ *palam siquidem est quod qualitates multum reprobanda sunt quando discrepant a media* L. I, c. 5º p. 43.

²¹ B. L I, c. 5º, p. 43. *depopulator reipublice, destructor regni, indignus et incompetens regimini*”.

simples pergunta à questão, e que revela como o rei, erradamente generoso, torna-se causa da destruição do seu reino :

[...] nos preceitos do grande doutor Hermógenes que a suma e verdadeira bondade e a clareza do intelecto e a plenitude da lei e o sinal de perfeição está na abstenção do rei no respeito para com o dinheiro e as propriedades de seus súditos.²²

Entre todas as virtudes do rei as quais o conduzem ao seu grande objetivo que é a fama, a glória e a honra, a mais importante é a sabedoria; ela é chamada de “filosofia abreviada” e tem suas raízes, - talvez se deva se dizer: porque tem suas raízes - na racionalidade do homem, o que sem dúvida sublinha a importância do intelecto:

Saiba, também, que o intelecto é a cabeça do governo, a salvação da alma, a conservação das virtudes, o vigia dos vícios: nele observamos de que coisas devemos fugir, por meio dele escolhemos o que deve ser escolhido: é ele a origem das virtudes e a raiz de todas as coisas boas, louváveis e honoráveis.²³

Pela sabedoria, manifestada na prudência do seu agir, os reis serão honrados, louvados e respeitados por seus súditos. Mas, em que concretamente esta sabedoria consiste? A resposta de que ela consiste no servir a lei de Deus a quem pertence o reino faz ver uma fundamentação religiosa da soberania mais do que uma filosófica desta soberania, que não deve ser considerada propriedade ou conquista do homem, mas uma concessão divina, porque a Deus pertence o governo sobre o Universo, enquanto seu Criador.²⁴ Consciente deste princípio, o rei sábio não usará a lei de Deus na promoção da escravidão para não se tornar um transgressor da verdade e menosprezador da lei de Deus. Além disso, a

²² L. I, c. 6º, p. 44. [...] *in preceptis magni doctoris Hermogenis quod summa et vera bonitas et claritas intellectus et plenitudo legis ac perfectionis signum est in rege abstinência a pecuniis et possessionibus subditorum.*

²³ L. I, c. 7º, p. 45. *Scias itaque quod intellectus est capud regiminis, salus animae, servator virtutum, speculator viciorum: in ipso siquidem speculamur fugienda, per ipsum eligimus eligenda: ipse est origo virtutum et radix omnium bonorum laudabilium et honorabilium Cf. também a observação do Bacon numa nota, L. I., c. 20 p. 88 : Rex illiteratus est asinus coronatus (um rei iletrado é um jumento coroadado)!*

²⁴ Não foi possível verificar até que ponto é possível que aqui estejam presentes as raízes da convicção dos povos antigos da região mesopotâmia, que tem uma aguda consciência da dignidade dos reis como “lugar-tenentes” e até de filhos de Deus. Mas diante da possibilidade que este trecho do SS se baseia em fontes bem antigas oriundas da Pérsia, não se deve excluir a possibilidade de ligações com as antigas ideologias assírias e babilônicas. Também não é possível determinar até aonde vai neste trecho uma possível influência neoplatônica, direta ou indireta..

verdadeira sabedoria no rei transformar-se-á em temor a Deus que, por sua vez, se revelará no respeito para com os súditos. Aqui se torna importante a virtude da piedade, que além de ser uma atitude de respeito responsável para com Deus, se traduz no agir deliberado que evita improvisações. Se, porém, o rei deixar os caminhos da sabedoria, tanto Deus como os homens o reprovirão:

[...] Neste caso os homens acostumam-se a reverenciar e a temer o seu rei quando vêem que este reverencia e teme a Deus. Se, entretanto, este se mostrar religioso somente na aparência, mas nas suas obras é (maldizente ou)²⁵ um malfeitor, quando for difícil esconder suas obras execráveis e ignorá-las diante do povo, então, ele será reprovado por Deus e desprezado pelos homens; a sua fama e os seus feitos serão desacreditados, o seu reino enfraquecerá, o diadema de sua glória carecerá de honra. Que mais poderia dizer? Não há preço, não há tesouro que possa lhe resgatar a boa fama.²⁶

Um dos aspectos mais importantes da sabedoria do rei, ou algumas das virtudes que o rei sábio não pode deixar de manifestar, é sem dúvida “governar-se a si mesmo”, em outras palavras, o autodomínio. Esta virtude se manifesta, entre outras coisas, no reconhecimento dos próprios erros e na sábia revogação deles. Esta atitude fundamental é no SS precedida por uma longa lista das coisas que um rei deve fazer, ou das virtudes que deve possuir: honrar os legisladores, venerar os religiosos, enaltecer os sábios. De forma nenhuma, entretanto, estas virtudes, que manifestam a concepção dos fundamentos de um bom governo, devem fazer do rei um passivo assistente ao desenvolvimento dos acontecimentos do reino; pelo contrário, ele deve questionar, interrogar com honestidade, responder discretamente, honrar os mais nobres e sábios.

Um rei que chegar a este ponto, não pode ser, nem será, um homem irascível, quer dizer um homem dominado pela ira, mas ele terá a capacidade de reconhecer os seus erros e, numa mente aberta ao futuro,

²⁵ Assim no original de Bacon.

²⁶ L. I., c. 9, p. 47. *Tunc enim solent homines revereri et timere regem quando vident ipsum timere et revereri Deum. Si itaque tantum in apparencia religiosum se ostendit, et in operibus sit (malidicus vel) malefactor; cum difficile sit nepharia opera celari et apud populum ignorari, a Deo reprobabitur et ab hominibus contempnetur; infamabitur ejus fama et ejus factum, diminuetur ejus imperium, diadema gloriae sue carebit honore. Quid igitur plura dicam? Non est precium, non est thesaurus qui possit sibi redimere bonam famam.*

será providente para poder suportar, de animo leve, as possíveis adversidades.

Os colaboradores do rei, os seus conselheiros, os seus cronistas, aqueles que o representam, os seus mensageiros, todos eles devem, na medida do possível, possuir as mesmas virtudes que o rei, para que este possa plenamente confiar neles. Como tratar todos estes colaboradores é um capítulo à parte, mas uma das principais coisas que deve ser evitada, a todo custo, entre os conselheiros do rei é o ciúme, causado por um tratamento desigual. O tratamento dado a eles deve ser especial:

Que sejam os teus camareiros e cinco teus conselheiros na compreensão de tuas obras e que um seja separado do outro, porque isto será melhor para tuas obras. [...] E presta atenção para não colocar um na frente do outro, mas trata todos eles com igualdade em dons e graus e em todas as tuas obras. O que pois é a causa maior da destruição de um reino e das obras dos reis, na extensão dos dias e dos tempos, - é prestar maior homenagem a alguns de seus camareiros em detrimentos de outros, mas que deviam ser iguais.²⁷

A apresentação deste quadro do rei ideal e de suas virtudes, vem constantemente acompanhada pelo contraponto dos vícios do rei, os quais o fazem um fator de desagregação do seu reino. Além da avareza, apresentada no início e de que se diz que ela desonra muito o rei e é inconveniente à sua majestade, o texto nos fala da “invidia” que significa tanto “ódio” como “inveja”. Ela é considerada grandemente nefasta porque gera outros vícios, entre os quais a mentira que é descrita como a raiz de todas as coisas reprováveis e como a própria matéria dos vícios:

A mentira gera a difamação, a difamação gera o ódio; o ódio, por sua vez, gera a ofensa; a ofensa gera a obstinação; a obstinação gera a irascibilidade; a irascibilidade gera a desarmonia; a desarmonia gera a inimizade; a inimizade gera a guerra; a guerra, decerto dissolve a lei e destrói as cidades; e isto é contra a natureza. E o que é contra a natureza destrói toda a estrutura do estado e o corpo.²⁸

²⁷ Cf., entre outros, L. III, c. 9º, p. 136.

²⁸ L. I, c. 7º, p. 46. *Mendacium generat detraccionem; detraccio autem generat odium; odium autem generat injuriam; injuria generat pertinaciam; pertinacia generat iracundiam; iracundia generat repugnanciam; repugnancia generat inimiciam; inimicia generat bellum; bellum vero dissolvit legem et destruit civitates; et hoc est contrarium nature. Et quod repugnat nature destruit totium opus reipublice et corpus.*

Uma das páginas mais belas do SS é aquela que fala sobre a misericórdia que deve ser uma característica dos reis. Admoestando, Aristóteles dirige-se ao Alexandre:

[...] várias vezes te aconselhei e agora mesmo te aconselho que guardes a minha doutrina, porque, se a observares, conseguirás teu objetivo e teu reino terá muita duração. Por isso, não derrama para ti o sangue humano, porque isto só a Deus pertence, que conhece o que está escondido e os segredos no coração dos homens. Não assumas o ofício divino, porque não te é dado conhecer os segredos divinos.²⁹

O texto continua com uma alusão ao hermetismo, citando um trecho do “doctor egregius” Hermógenes:

Quando uma criatura mata uma criatura semelhante, por exemplo, o homem um outro homem, as forças dos céus gritarão para a divina majestade, dizendo ao Senhor: Senhor, o Teu servo quer ser igual a Ti. Quando se mata injustamente, o Criador excelso responde: Que seja, pois, executado aquele que matou, e ele será morto: A mim pertence a vingança e Eu retribuirei.³⁰

Interessante observar neste trecho a glosa de Bacon em que este afirma que Aristóteles, com toda certeza, e como ele também os outros grandes filósofos, leram o Antigo Testamento, como também foram ensinados pelos profetas e pela sabedoria hebraica. Por isso, assim diz Bacon, nesta parte Aristóteles aceita a autoridade de Isaías, como em outros lugares do *Segredo*, e na filosofia moral inspira-se em Salomão; Platão age do mesmo modo, como também Avicena:

Deve ser levada em consideração que Aristóteles e outros grandes filósofos leram o Antigo Testamento e foram ensinados pelos profetas e outros sábios Hebreus; e Aristóteles confirmou isto depois. Por isso, não é de estranhar que aqui aceitou a autoridade de Isaías como também em outro lugar neste livro, e que na filosofia moral aceitou os documentos de Salomão e de outros. Da mesma forma também Platão usou esta frase do

²⁹ L. I, c. 18, p. 53. [...] *frequenter admonui te et adhuc moneo quod meam custodias doctrinam, quam si servaris, tuum propositum consequeris et regnum tuum durabile permanebit. Noli igitur sanguinem humani generis per te effundere, quoniam hoc soli Deo convenit, qui novit occulta cordium et secreta hominum. Noli tibi assumere divinum officium, quia non est tibi datam scire archanum divinum*

³⁰ L. I., c. 28, p. 55. *Quando creatura interficit creaturam sibi similem, ut homo hominem, virtutes celorum clamabunt ad divinam majestatem dicentes Domino: Domine, Servus Tuus vult esse Tibi similis. Quia si injuste interficitur, respondit Creator excelsus: Perimite cum que interficit quia ipse interficietur: Mihi vindictam et Ego retribuam.*

Êxodo: “Eu sou quem sou”; e Avicena (no livro 10. da *Metafísica*) aceitou a autoridade da Escritura.³¹

Uma outra virtude, apresentada sob vários aspectos práticos, é a fidelidade “à palavra dada e aos tratados firmados”³² que começa com a exortação de que o rei não deve desprezar aquele que é menor do que ele, porque um dia este menor talvez venha a ser maior do que ele e como tal poderá voltar-se contra ele. Além disso, o rei deve manter a sua palavra, porque a infidelidade, além de ter “como consequência um fim infeliz”, convém aos infiéis, jovens e meretrizes³³. Não há mérito numa palavra quebrada, muito pelo contrário; porque a fidelidade é a base da sociedade, e agir contra ela é voltar ao estado de brutos e bestas.³⁴

Reforçada esta fidelidade, outra citação de procedência hermética

Não te lembras que, conforme Hermógenes testemunha, são dois os espíritos que te guardam, de que um está à tua direita e o outro à tua esquerda, guardando e conhecendo todas as tuas obras, e respondendo ao Criador qualquer coisa que discerniste para fazer? De verdade, somente isto deveria te preservar a ti e a qualquer um de toda obra desonesta³⁵.

Como consequência vem a admoestação de não jurar muito nem com muita facilidade, mas só em casos de extrema necessidade; assim evita-se quebrar o juramento, o que arruína o reino e provoca o castigo divino. .

A exposição mais direta, porém, sobre as virtudes e paixões, encontra-se na IIIª parte do SS – edição de Bacon – no capítulo 5, em que se fala *Sobre as maravilhas da justiça e os bens que nascem dela*³⁶. O contexto desse terceiro livro é diferente dos dois primeiros: não se apresenta mais uma seqüência de conselhos práticos, mas se trata de diversos assuntos sobre os mais variados assuntos, que falam a respeito do reino e de coisas

³¹ L. I, c. 18, glosa.

³² Cf. L. I, c. 19º, p. 56.

³³ O raciocínio parece ser o seguinte: o infiel não é temente a Deus e por isso não tem regra de vida; o jovem é inconstante, por causa de sua idade; e a meretriz jura amor a quem lhe pague os seus serviços.

³⁴ Ou seja: ao estado de animais irracionais.

³⁵ L. I, c. 19º, p. 57. *Nescis quod [...] duo sunt spiritus qui te custodiunt, quorum unus est ad dextram et alius ad sinistram custodientes et scientes opera tua cuncta et rescribentes Creatori quicquid discreveris faciendum? In veritate solum hoc deberet te et quemlibet retrahere ab omni opere inhonesto.*

³⁶ *De mirabilibus justicie et de bonis que nascuntur ex ipsa* (p. 123)

que lhe possam ser úteis. Mui significadamente o Livro abre com uma exposição que decanta as forças das plantas e das pedras, apresenta o famoso “ovum philosophorum”³⁷ e reproduz o belo e misterioso texto conhecido sob o nome de *A Tábula de Esmeralda*³⁸.

O trecho sobre a justiça inicia-se da seguinte maneira:

A justiça é a consideração digna de louvor (ou a assignação) das propriedades do Altíssimo, simples e glorioso. Daí que o reino deve ser daquele que Deus escolheu e constituiu sobre os seus servos, a quem devem ser entregues os negócios e o governo dos súditos, que deve supervisionar e defender as propriedades e riquezas, como também o sangue dos súditos e todas as suas obras, como se fosse o deus deles. Por isso, nisto deve ser semelhante a Deus, e por isso é necessário que o rei imite e seja parecido com o Altíssimo, em todas as suas obras.³⁹

Aqui se apresenta a fundamentação da justiça, que ao mesmo tempo é uma conclusão de grande repercussão para a concepção política medieval: o rei, aquele que tem o poder, foi escolhido por Deus e nunca poderá pensar, agir e julgar como se o reino fosse dele próprio, o rei. O seu governo deve assemelhar-se à maneira em que Deus age, em outras palavras, deve ser virtuoso. A justiça que ele, o rei, deve praticar está visível em todo canto do universo para ele ver e aprender:

Na justiça existem os céus criados e eles são constituídos sobre a terra; na justiça também foram enviados os santíssimos profetas. A justiça, pois, é a forma do intelecto que Deus glorioso criou, e ele conduz a criatura até ele, e por meio da justiça é construída a terra e são constituídos os reis; obedecem e são domesticados os súditos; por meio

³⁷ Bacon trata, extensivamente, deste “ovo” ou da “pedra filosofal”, na sua *Epistola de Secretis Operibus Artis et Naturae, et de Nullitate Magiae*. In: Fr. Rogeri Bacon Opera quaedam Hactenus inedita. Vol. I containing I-Opus Tertium, Opus Minus, Compendium Philosophiae. Edited by J.S. Brown. Originally published 1889 by her Majesty's Stationery Office, London, Reprinted with permission by Kraus Reprint Ltd, 1965 . Cf. Tradução portuguesa de Jan G. TER REEGEN, Luis A. De Boni, e Orlando A. Bernardi: ROGÉRIO BACON, *Obras Escolhidas*. Porto Alegre/ Bragança Paulista, EDIPUCRS/EDUSF, 2006, p. 181

³⁸ L. III, c. 1º, p. 115. Para maiores explicações sobre este texto, também conhecido como *Tabela Esmeralda*, Cf. TER REEGEN, O hermetismo no “Segredo dos Segredos”, o.c. p. 131.

³⁹ L. III, c. 5, p. 123. *Iusticia est commendacio (sive condicio) laudabilis de proprietatibus Altissimi simplicis et gloriosi. Unde et regnum debet esse ejus quem Deus elegit et consitiuit super servos suos, cui committenda sunt negocia et regimina subditorum, qui debet speculari et defendere possessiones et divicias ac sanguinem subditorum et omnia opera eorumdem, sicut deus eorum. Ergo in hoc assimilandus est Deo, et ideo oportet regem assimilari et imitari Altissimum, in omnibus suis operibus.*

dela domestica o terrível⁴⁰ e aproxima o que está longe⁴¹, e as almas são salvas e libertadas de qualquer vício, e os reis de toda corrupção..⁴²

Tão forte é a ligação entre o rei e a justiça, que o texto árabe afirma – sendo aqui mais lógico do que o texto latino que reza: o rei e o intelecto -: o rei e a justiça são irmãos que precisam de si indistintamente, e um não é suficiente sem o outro. A versão de Bacon continua a tecer as loas da justiça, na perspectiva da ligação entre o intelecto e a justiça.⁴³

Nessa luz entende-se a violenta condenação contra aquele que não é justo: “Qui ergo declinat a propria vel communi justitia, non est justitia Dei in eo”⁴⁴. A convicção do rei de que a justiça é de fato importante fará com que o seu governo seja de fato bom, e desta maneira conquistará os corações de seus súditos e estes o julgarão na medida em que as obras justas aparecem.⁴⁵ Na famosa comparação do mundo com um horto ou pomar, podemos encontrar, assim parece, todo o conteúdo e todas as práticas da justiça, de que no fim é dita: “in qua est salus subditorum”!⁴⁶

Objeto de reflexão encontra-se, também, tanto no que toca a saúde do rei, como a sua disposição moral para um bom governo, nas considerações a respeito do “carnalis appetitus”, chamado em documentos derivados do *Segredo* de “o jogo de Vênus”⁴⁷. O fundamento dessa reflexão deve ser procurado naquela fundamental tese conhecida do neoplatonismo e hermetismo, e através deles em Sant’Agostinho, sobre a existência de uma realidade verdadeira, que é supra-sensível, e a realidade sensível que é caracterizada como aparente e enganadora, tendência esta comumente chamada de “dualismo”. Quanto mais o homem se aproxima do mundo verdadeiro ou inteligível, por meio de

⁴⁰ Bacon insere aqui uma glosa: a saber inimigos e adversários.

⁴¹ Outra glosa: como os povos, distantes dos reis e imperadores, vieram para a amizade e a submissão a eles por causa da justiça deles, como ensina a história.

⁴² L. III, c. 5º, p. 123. *In justitia extiterunt cele creati et constituti sunt super terram: in justitia etiam missi fuerunt prophete sanctissimi. Justitia autem est forma intellectus quam creavit Deus gloriosus, et perduxit creaturam suam ad ipsum, et per justiciam edificata est terra et constituti sunt reges, et obediunt et domesticantur subditi; per ipsam domesticat terribile et apropinquat remotum, et salvantur anime et liberantur ab omni vicio, et erga reges suas ab omni corrupcione*

⁴³ Steele, o c. p.224.

⁴⁴ L. III, c. 5º, p. 124. *Quem, porém, se desvia da justiça própria ou comum, não tem dentro de si a justiça de Deus.*

⁴⁵ Bacon, l.c., p. 126.

⁴⁶ L.III, c. 5º, p. 125. [...] em que reside a salvação dos súditos.

⁴⁷ Cfr., por exemplo, *A carta do Pseudo-Aristóteles ao Alexandre Sobre o Regime de Saúde, colocada em versos por um certo Nicolau*. Original em latim publicada por R. Pack, *Archives d’Histoire Doctrinale et Litteraire du Moyen Age*, Tome XLV, Année 1976 Paris:Vrin, p. 308-325.

uma vida de purificação, isto é, de afastamento das paixões e dos apelos do corpo, tanto mais o homem será virtuoso, vivendo a verdadeira vida e seus valores. O autor do SS professa-se adepto dessa tese, quando trata do homem e do seu lugar no Universo, de que se falará mais adiante.

A grande advertência está contida na seguinte frase:

Ó Alexandre, declina⁴⁸ dos impulsos dos prazeres bestiais, porque eles são corruptíveis. Os apetites carnis, pois, inclinam o ânimo aos desejos corruptíveis da alma bestial, que possui nenhuma discricção, e por causa deles o corpo corruptível se alegra, mas o intelecto incorruptível se entristece.⁴⁹

Considerando que esse desejo afeta tanto o corpo como o espírito, mas com conseqüências opostas, ele leva o rei à desonra porque, embora possam ser agradáveis ao corpo, em nada contribuem para o bem do intelecto que, conforme o SS, é incorruptível. Essa desonra é ocasionada, sobretudo, pelas conseqüências do desejo carnal, porque ela gera uma cadeia de vícios que em nada honram o governante, aliás homem nenhum:-:

Deve-se saber que os impulsos da volúpia geram o amor carnal; o amor carnal por sua vez gera a avareza, a avareza gera o desejo das riquezas; o desejo das riquezas gera a falta de vergonha; a falta de vergonha por sua vez a presunção; a presunção a infidelidade; a infidelidade o latrocínio e o latrocínio a exprobação; dela nasce a escravidão, que conduz ao prejuízo da lei e à destruição da amizade e à ruína de toda obra: e isto é contrario à natureza.⁵⁰

O homem, então, torna-se refém dos vícios que o levam à má observância das leis, que é a origem da destruição da amizade e da união que devem reinar, como parte importante de seus fundamentos, num estado governado por um rei justo e continente, e isto significa o começo do fim. A expressão “isto é contra a natureza” expressa bem o espírito do

⁴⁸ Bacon insere aqui uma glosa: reprime em tudo o appetite.

⁴⁹ L. I, c. 8º, p. 46. *O Alexander declina conatus bestialium voluptatum quia corruptibiles sunt. Carnalis appetitus inclinant animum ad corruptibiles voluntates anime bestialis, nulla discrecione prehabita, et inde corpus corruptibile letabitur, et contristabitur intellectus incorruptibilis.*”

⁵⁰ L. I, c. 8º, p. 46. [...] *carnalis autem amor generat avariciam: avaricia gerat desiderium diviciarum: desiderium diviciarum generat inverecondiam: inverecondia vero presumptionem: presumptio infidelitatem: infidelitas latrocinium: latrocinium vituperacionem: ex qua nascitur captivitas que ducit as detrimentum legis et destructionem familiaritatis et ad ruinam tocius operis: et hoc est contarium nature.*

autor do SS, já indicado veladamente antes: o homem deve ser guiado por seu intelecto, que se manifesta na sabedoria, que é construtiva.

Noutro lugar o texto se expressa de modo mais violento e radical, ainda::

Imperador clemente, não te queiras inclinar ao coito com mulheres, porque o coito é uma espécie de qualidade dos porcos. Qual gloria te espera se exerceres um vicio de animais irracionais e atos de estúpidos? Acredita em mim, sem duvidar que o coito signifique a corrupção das virtudes e o encurtamento da vida e a destruição do corpo, a transgressão da lei, que gera costumes femininos e, por último, conduz ao mal de que falamos.⁵¹

A grande verdade que o autor do SS quer salientar neste trecho é sem dúvida a sua convicção de que a atividade sexual não leva a nenhuma glória, não gera honra, e estas duas coisas são exatamente o grande e principal objetivo do bom governante, como o SS indica em vários lugares. O raciocínio é sempre o mesmo: como pode haver algo de louvável no comportamento do homem do qual é excluída de maneira clara e notória a racionalidade, aquela qualidade que o liga ao seu verdadeiro mundo, o inteligível, mas que na sua totalidade está ligado a seu estado de animal irracional, comprometido com o mundo sensível? Neste contexto também é elucidativa a famosa história conhecida como “A Moça Venenosa”, e bela escrava, dada de presente a Alexandre Magno pela rainha da Índia que teria, no intercurso sexual, matado sem dúvida o Imperador, se não fosse a perspicácia de Aristóteles, que notou que a menina era veneno puro, por ter sido alimentada por longos anos com veneno de serpentes.⁵²

Por causa de suas conseqüências nefastas, todas as paixões e inclinações devem ser dirigidas, em vez de às coisas perecíveis e materiais, às coisas incorruptíveis, à vida imutável e eterna, à durabilidade gloriosa. Aqui, mais uma vez, revela-se o espírito neoplatônico e hermético com sua visão do homem destinado a voltar ao mundo inteligível e, por isso, a desprezar ou ao menos superar a corporalidade, que é condição absoluta para esse objetivo.

⁵¹ L. I, c. 13º, p. 51. *Clemens imperator, noli te inclinare ad coitum mulierum quia coitus est quaedam proprietas porcorum. Que gloria est tibi se exerceas vicium irrationabilium bestiarum et actus brutorum? Crede mihi indubitanter quod coitus est destructio corporis et abreviatio vite et corruptio virtutum, legis transgressio, femineos mores generat, et ultimo inducit illud malum quod prediximus.*

⁵² L.I., c. 21º, p. 60.

Mas, como evitar esse desejo carnal? Em primeiro lugar há o conselho

Ó Alexandre, não apeteças o que é corruptível e transitório e o que é teu dever saber deixar de lado: tu sabes que deves fugir: prepara riquezas incorruptíveis, a vida imutável, a vida eterna, a glória duradoura. Dirige teus pensamentos, então, sempre para o bem, faze-te viril e glorioso, evita os caminhos bestiais, dos leões, e as imundícias dos porcos; não sejas cruel, mas flexível para salvar aqueles sobre os quais foste vitorioso. Pensa nos casos do futuro, porque não sabes o que o dia futuro gerará. Não faças realidade teus desejos no comer, no beber, no coito e no sono diurno.⁵³

Mas, a grande recomendação que Aristóteles faz a Alexandre é que este deve guardar e zelar por sua alma, que é superior e angelical, porque sem fazer isso não cumprirá o seu objetivo, isto é, ser glorificado. Por isso Alexandre deve fazer tudo para pertencer ao número dos sábios, àqueles que sabem onde reside a verdadeira ciência e glória.

Um dos caminhos a ser seguido, assim diz o SS, é sempre ser discreto em todo o seu comportamento: por exemplo, não beber demais, para não falar o que não se deve, ou não rir exageradamente, porque dessa forma, além de dar sinais de pouco domínio de si mesmo, perde a reverência dos outros e gera a velhice. Por isso, deve seguir o conselho de procurar alívio na música para superar as tensões da vida cotidiana, porque assim ela ajuda a ser discreto e continente.

Finalmente – num trecho de intenso valor poético – um bom rei, virtuoso e honrado, é comparado com a chuva e o vento, o inverno e o verão que, embora vez por outra possam ser nocivos, são grandes benefícios para a humanidade, porque sem eles não haverá abundância e felicidade para o reino:

Lê-se que o rei no seu reino é como a chuva na terra, que é uma graça de Deus, uma bênção do céu, vida para a terra, ajuda e fortificação para os seres vivos, porque pela chuva prepara-se a viagem para os

⁵³ L. I, c. 13°, p. 50-51. *O Alexander noli appetere quod est corruptibile et transitorium [et quod oportet te scito reliquere: para divicias incorruptibiles, vitam immutabilem, vitam eternam, durabilitatem gloriosam. Dirige ergo cogitaciones tuas semper in bonui, redde te virilem et gloriosum, vita vias bestiales, et leonum et imundicias suis, noli esse crudelis set flexibilis ad parcendum in hiis de quibus victoriam habuisti. Cogita de futuris casibus, quia nescis quid futura dies paritura sit. Noli tua desideria imitari in comescione, potu, et diuturno sompno* Numa nota Bacon explica que os leões são orgulhosos e cruéis, e além disso luxuriosos e gulosos, e, neste ponto, se comparam aos porcos.

mercadores, auxílio e alívio para os construtores.[...] Contudo, os males que acontecem não impedem que os homens louvem o Deus glorioso na Sua majestade, considerando-os sinais de Sua graça, dons de Sua misericórdia, porque pela chuva coisas em formação tornam-se vivas, vegetais pululam, e a benção é derramada com todas as forças

[...] E o exemplo do rei fica bem com o exemplo dos ventos, que Deus excelso e estende do tesouro de Sua misericórdia, e por eles produz a nuvem, e crescem as colheitas, amadurecem as frutas das árvores e renovam as forças, quando a água desejada é recebida, o caminho aos navegantes é aberto e muitas outras coisas acontecem.

[...] Esta parábola existe também com o inverno e o verão, porque a suma providência estabeleceu de modo inevitável e imutável o frio e o calor em vista da geração, propagação e durabilidade das coisas temporais e naturais. Do modo que muitas coisas inconvenientes e perigos mortais provirem do frio do inverno e do calor do verão, assim acontece com o rei: muitas coisas vantajosas costumam provir dele e desagradam aos seus súditos, até causam mal-estar, embora nelas exista a máxima utilidade.⁵⁴

II. A concepção do homem no Segredo dos Segredos.

No Liber III, no capítulo 6, que fala “sobre as coisas criadas, nas quais se considera a justiça natural e o que são os céus”, o SS define o lugar do homem na ordem do grande universo, das coisas criadas. A primeira coisa criada é a inteligência, a substância espiritual simples⁵⁵ em que estão todas as formas das coisas existem e poderão existir; em seguida vem uma substância de grau menor que é chamada alma universal. Desta, por sua vez, provém mais uma substância, chamada *hylé* que é explicada como a matéria corporal de todas as coisas corporais, constituída antes da extensão, que se manifesta pela longitude, latitude e profundidade, isto é, pela constituição dos corpos. Segue a determinação

⁵⁴ L I, c.16., p. 34.

⁵⁵ Bacon, numa nota – p. 127 - define o que entende por “simples”: [...] *cum velit hic quod substantia angelica sit simplex, intelligendum est quod dicitur simplex per privacionem materie corporalis et per privacionem quantitatis: est tamen vere composita ex materia et forma spiritualibus, et sic anima, secundum vult secundo Metaphisice quia substantie incorporee habent materiam* (visto que se afirma que a substancia angelical seja simples, deve se entender que se diz simples em relação à privação da matéria corporal e à privação da quantidade: porém, ela é composta de matéria e forma espirituais, e assim também a alma, como esta no segundo livro da *Metafísica*, porque as substâncias incorpóreas possuem matéria). Vê-se que Bacon aqui se alinha na opinião corrente da Escola Franciscana que defende a matéria “espiritual”, partindo da tese que todas os seres criados são compostos.

do lugar das esferas, os corpos que possuem uma “figura nobilíssima”, e que circundam a terra até o fim da esfera da Lua, em baixo da qual está a esfera dos elementos, a saber, fogo, ar, água e terra.. Há dez céus e a terra está no meio de todos os elementos. Depois da ordenação de todas essas esferas,

[...] de acordo com a sabedoria e a disposição do Gloriosíssimo, simples, na maravilhosa disposição e na ordenadíssima beleza, as esferas são movidas em forma de círculo nas suas partes [...]⁵⁶

são feitos o dia e a noite e todas as estações. E no fim são feitas todas as espécies de todos os corpos compostos e misturados “que são originais⁵⁷ ou minerais, e vegetais e animais”.

Originais são quaisquer coisas que estão congeladas nas vísceras da terra, e na profundidade dos mares e nas cavernas das montanhas [...]. Animal, porém, é todo gênero que se move e sente e muda de um lugar para outro por si mesmo, e a leveza nele é mais dominada. O vegetal é de composição mais nobre do que o original; mas o animal é mais nobre de composição do que o vegetal.⁵⁸

O homem, porém, ocupa o lugar mais nobre na composição do universo dos seres animais, e a “*igneitas*”⁵⁹ nele é mais dominada e ele é o ponto em que convergem todas as coisas universais que nascem e que são encontradas nos seres simples e compostos, porque “[...] o homem é composto de um corpo denso e extenso e de uma alma que é uma matéria espiritual simples”.⁶⁰

Surge, então, uma pergunta: Mas, como é a alma? Uma das coisas mais importantes é saber qual a sua origem:

Tu deves, de fato em primeiro lugar – se tu tiveres consciência a respeito das ciências e das verdades dos seres e das coisas que existem – começar com o conhecimento da tua alma que está mais perto de ti do qualquer outra coisa; em seguida, depois desta ciência, terás o conhecimento do resto das coisas.

⁵⁶ L. III, c. 6°, p. 129. [...] *juxta sapientiam et dispositionem simplicis Gloriosissimi in dispositione mirabili et pulchritudine ordinatissima, mote sunt spere circulariter in suis partibus [...]*.

⁵⁷ O termo “original” diz respeito aos fósseis.

⁵⁸ L.III, id.

⁵⁹ A tradução desta palavra é difícil. “Fogosidades” excede o que o texto pretende dizer. Talvez o termo “fogo” traduza melhor a intenção do texto.

⁶⁰ L. III, c, 6°, p. 130.[...] *homo est ex corpore denso commensurato et ex anima que est simplex substantia spiritualis.*

A alma universal nasceu depois da inteligência pela vontade divina. Afirma-se que

[...] ela possui nos corpos três forças correntes, como a luz do sol nas partes do ar: uma das forças é intelectiva, a segunda é sensitiva e a terceira é vegetativa, que Deus glorioso ilustra com sete forças, que são atrativa, retentiva, digestiva, expulsiva, nutritiva, generativa, informativa.⁶¹

A alma racional aparece no homem após quatro anos, mas o homem deve esperar até os quinze anos para obter a “vis intelectiva” (a capacidade de compreensão) que o faz distinguir e conhecer. Em seguida, após os trinta anos, surge a “vis judicialis seu philosophica” (a capacidade julgadora ou filosófica), que observa as formas intelectuais; depois dos cinquenta o homem tem o poder de se dominar a si mesmo e, afinal, aos setenta tudo se completa com a capacidade de legislar. Se o homem adquirir a perfeição e a completude antes de morrer, ele será conduzido à perfeição, isto é ao círculo ou firmamento da inteligência.⁶² Caso contrário, a alma vai para o abismo e ficará sem esperança de ver Deus.⁶³

Nesse trecho em que, sem dúvida, encontramos vestígios da grande estrutura neoplatônica, está expresso como Deus, o Criador de todas as coisas, chama à existência, ou cria, primeiramente a inteligência e as inteligências, tanto as puras como as dos seres compostos. Daí surge quase que automaticamente a pergunta: qual é o lugar que o homem ocupa nesta grande estrutura? Não há dúvida de que o SS neste ponto também seja neoplatônico e, até certo ponto, hermético, embora esta maneira de conceber o homem não seja apresentada de forma rigorosamente filosófica, mas antes de modo prático, em que se ressalta como o homem é um ser especial, dotado com forças especiais e virtudes características.

O homem foi criado por Deus, e o Altíssimo o fez o animal mais nobre de todos os animais. O Criador dispôs o seu corpo como uma

⁶¹ L. III, c.7°, p. 130. [...] *habet tres vires correntes in corporibus sicut lumen solis in partibus aeris, una virium est intellectiva, secunda est sensitiva, tertia est vegetativa, quam illustravit gloriosus Deus septem viribus, que sunt atractiva, retentiva, digestiva, expulsiva, nutritiva, generativa, informativa.*

⁶² Numa nota Bacon explica: *A inteligência aqui é chamada “substantia angelica et divin”a, ou se for somente compreendida, deve ser entendida como angélica, e completa-se o que por meio dela conduz a Deus.*

⁶³ Cf. L. III, c. 7°, p. 130-132.

espécie de cidade, cujo rei é o intelecto, o qual está na parte mais alta do homem, que é a sua cabeça. Os cinco sentidos são como cinco “bajuli – conselheiros”, ajudantes na governança; e cada qual tem uma função especial e eles se comunicam entre si para obter um funcionamento bom e equilibrado do todo.⁶⁴

Por meio de uma longa discussão sobre os “bajuli-conselheiros” – o seu modo de ser eleito, as virtudes que devem possuir, como devem ser tratados -chega-se à definição da natureza e das condições especiais do homem, em que se repete a afirmação de que Deus não criou nenhum animal que lhe é superior e que não reuniu em nenhum animal o que reuniu no homem, de tal forma que é impossível encontrar em qualquer animal seja um costume, seja um modo de agir que não esteja presente – e de modo melhor – no homem. Todos os animais estão presentes no homem, segundo a sua principal qualidade:

Saibas, portanto, que Deus glorioso não criou nenhuma criatura mais sábia do que o homem, e não reuniu em animal nenhum o que nele reuniu. E não podes encontrar em nenhum dos animais um costume ou uma natureza que não encontres no homem. Porque o homem é audacioso como o leão, tímido como a lebre, abundante como o galo, ávido como o lobo, irascível como o cão, duro e astuto como o corvo, virtuoso como a rôla, malicioso como a hiena [...], luxurioso como o porco, malicioso como a coruja, útil como o cavalo, nocivo como o ratinho. E no universo não se encontra nada animal ou vegetal ou original ou mineral, nem céu ou planeta nem constelação, nem qualquer ser em todos os seres possuindo algo que lhe é próprio, sem que esta característica seja encontrada no homem: e por causa disso ele é chamado de microcosmo.⁶⁵

⁶⁴ Cf. L. III, c. 8º, p. 133. Mais adiante, Bacon explica o sentido especial que o número cinco ocupa na criação: a perfeição do rei está nos cinco sentidos, há 5 planetas, cinco espécies de animais, para que a planta se desenvolva são necessárias cinco condições, cinco são os tons musicais, cinco são os melhores dias do ano – no fim de maio -, cinco são os portos do mar. No 12º capítulo, p. 140, diz o seguinte: *Quia primum super quod fundate sunt omnes res est trinitas, et per quinquenarium mediantur, et per septenarium perficiuntur.*

⁶⁵ L. III, c. 13º, p. 143. *Scias ergo quod non creavit Deus gloriosus creaturam sapienterem homine, et non colligit in aliquo animaliquod in eo colligit. Et non potes reperire in aliquo animalium consuetudinem vel morem quod non invenies in homine. Quoniam audax est ut leo, timidus ut lepus, largus ut gallus, avarus ut lupus, iracundus ut canis, durus et hastutus ut corvus, durus et austerus ut cervus, pius ut turtur, maliciosus ut leena [...] luxuriosus ut porcus, maliciosus ut bubo, utilis sicut equus, nocivus ut mus. Et universaliter non reperritur animal aliquos seu vegetabile seu originale seu minerale, nec celum sive planeta nec signum, nec aliquod ens de omnibus entibus, habens aliquid proprium, quin illus inveniatur in homine: et propter hoc est vocatus minor mundus*

Tudo, então, converge para o homem: todos os animais, toda a natureza, viva e morta. Que ele por isso é chamado “microcosmo” é resultado dessa convergência, que se apresenta aqui de forma bem prática e plástica, sendo sem dúvida uma tradução da tese neoplatônica de que o homem é o ser no qual se encontram o mundo inteligível e o mundo sensível: nele está presente o Uno por meio da Inteligência e da Alma, como também a matéria, que é o princípio da multiplicidade.

Em função e por causa do lugar especial que o homem ocupa, deve este construir a sua vida: ele deve honrar a sua dignidade especial e justificar o lugar próprio que o Altíssimo lhe reservou na criação. A vida virtuosa deve afastar o homem do mundo sensível e suas atrações e fazer resplandecer a sua dimensão espiritual. Se isto é verdade para o homem de modo geral, de forma especial esta vocação deve ser assumida pelos reis, que são duplamente objeto da escolha divina: como pessoas e como governantes.

Concluindo:

Embora escrito especialmente para reis e governantes, o SS traz uma mensagem para todos os homens: é preciso levar uma vida generosa, justa, misericordiosa, casta e voltada para Deus, o Criador, Princípio da vida, donde todos saíram e para onde todos devem voltar.

**Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*
Rua Ieda Pereira, 535 – Edson Queiroz
60821-570 Fortaleza – Ceará - Brasil.
gerard@fortalnet.com.br

Para o conceito “microcosmos” na filosofia do século XI, cf, CHENU, M-D, L’homme et la nature. Perspectives sur la Renaissance du XII^ee siècle. *AHDLMA*. Paris: t. XIX, 1953, p. 39-65. .